

O espaço como caracterização da personagem feminina na obra **Atire em sofia**, de Sônia Coutinho

Nêmia Ribeiro Alves Lopes*

Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida**

Resumo

A trajetória da narrativa brasileira foi marcada por representações urbanas como espaço de atuação, predominantemente, masculino, ficando legado à mulher o espaço doméstico. Entretanto, na contramão dessa vertente, Sonia Coutinho confere às suas personagens femininas um olhar amplo sobre paisagens, cidades, casas, construindo uma diferenciada representação do urbano. A relação entre a mulher e o espaço nos conduz à compreensão acerca da relevância do meio social para a construção identitária feminina. Sendo assim, este trabalho discute a representação da cidade-personagem, da paisagem e da metáfora do labirinto no romance **Atire em Sofia**, de Sônia Coutinho, como elemento de ruptura com o padrão tradicional de representação do urbano e como caracterização da mulher em relação ao espaço em que está inserida.

Palavras-chave: Cidade. Paisagem. Mulher. Labirinto.

The space as characterization of female characters in the novel **Atire em Sofia**, by Sonia Coutinho

Abstract

Brazilian narrative trajectory has been marked by urban representations as a space of action, predominantly male, relegating women to the home space. However, contradicting this trend, Sonia Coutinho gives her female characters a broad perspective on landscapes, cities, houses, building a different representation of the urban space. The relationship between women and space leads us to understand the relevance of social environment to the female identity construction. Consequently, this paper discusses the representation of the city-character, the landscape and the labyrinth metaphor in the novel **Atire em Sofia**, by Sônia Coutinho, as element of rupture with the traditional pattern of representation of the urban space and as characterization of women in relation to the space in which they are placed.

Keywords: city. Labyrinth. Landscape. Women.

Recebido: 03/04/2018

Aceito: 07/11/2018

* Mestranda em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros. Professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano — IF Baiano.

** Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília UNB (2010); Doutora em Língua e Literatura espanhola e hispano-americana pela Universidade de São Paulo USP (2013); Mestre em literatura brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2007). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras/Mestrado e do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros.

As questões de gênero são temáticas significativas para a análise literária, pois historicamente foi construído um padrão de representação e de perpetuação de um discurso dominante, no qual se intensificava a criação e propagação de estereótipos em relação ao papel da mulher na sociedade, bem como, acerca da produção literária de autoria feminina.

Ao analisar a obra de Sônia Coutinho, percebemos a relevância da autora para o contexto literário, bem como sua preocupação com os aspectos sociais, em especial, a condição da mulher. Uma romancista premiada que se insere no contexto literário a partir de 1966, quando publicou o seu primeiro volume individual de contos intitulado “Do Herói Inútil”, o qual já trazia a temática do feminino como ponto fundamental. Em 1977 venceu o prêmio Status de Literatura com o conto “Cordélia, a caçadora”, que integrou o livro de contos intitulado “Os venenos de Lucrecia” (1978), este vencedor do prêmio Jabuti de 1979; além de outras obras, publicou “O jogo de Ifá” (1980); “O último verão de Copacabana” (1985); **Atire em Sofia** (1989) e “O caso de Alice” (1991).

Não obstante às demais propostas literárias de Coutinho, a obra **Atire em Sofia**, traz uma reflexão da condição social da mulher ao longo dos tempos através da vida das personagens, demonstrando as transformações sociais e a ruptura com o modelo de feminino apregoado pela tradição patriarcal. A esse respeito, críticos como Elódia Xavier (1998) em “Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino” aponta a obra de Sônia Coutinho como “representativa da crise da mulher numa sociedade que, até então, alicerçada pelos valores patriarcais, vê-se nos anos 80 à mercê de grandes transformações.” (XAVIER, 1998, p.1).

Nesta perspectiva, a maioria dos estudos críticos sobre Coutinho tem dado atenção à condição das lutas feminina para alcançar a independência e a auto-realização, como Rosana Ribeiro Patrício em “As filhas de Pandora: imagens de mulher na ficção de Sonia Coutinho (2006)”, que analisa **O jogo de Ifá**, **Atire em Sofia** e **O caso Alice**, centrada na condição feminina. Além dessa vertente, teóricos como Cristina Ferreira-Pinto Bailey (2008), discutem acerca da representação do espaço nas obras da autora, ela explora a relação das personagens com o urbano através dos temas: deslocamento, viagem e exílio.

Considerando as abordagens dos teóricos supracitadas, este trabalho discute a representação do espaço, tomando como objeto de análise o romance **Atire em Sofia**, um livro no qual o movimento entre casa e rua, as configurações e implicações sociais nas cidades se destacam como em seus textos anteriores. Neste estudo, exploro, especialmente, a representação dos espaços urbanos de Salvador e Rio de Janeiro, nos quais, transitam as personagens femininas, tomando como perspectiva de análise a visão dessas protagonistas, analisando o conceito de paisagem, labirinto e os aspectos sociais expressos na obra “Atire em Sofia”, como elementos para caracterização e definição da condição da mulher.

1 Sobre espaço e literatura

O termo *espaço* foi evidenciado ao longo do século XX, considerando as mais diversas transformações dos aspectos geográficos e sociológicos, por vertentes distintas das áreas do conhecimento. Naturalmente, ao se observar o aspecto relacional entre literatura e sociedade, esta também, ainda que algumas vezes implicitamente, vem abordando perspectivas do tema.

Pensar o liame entre literatura e o espaço no romance contemporâneo aponta para uma possibilidade de se tratar sobre a personagem a partir de uma lógica moderna de subjetividade. Por esse ângulo, que nas análises dos filósofos Martin Heidegger (2008) e Gaston Bachelard (1957), percebemos o destaque concedido à relação do sujeito com o espaço, considerando o estado do Ser para a análise literária. A convergência desses autores é possível, ainda que, para Bachelard o espaço mais restrito

da casa é primordial para a profundidade do ser e Heidegger trate de aspecto mais abrangente, ou seja, do ser-no-mundo. Assim, para àquele, antes de ser-no-mundo, somos ser-no-interior a partir do espaço íntimo. Entretanto, a opção por tratar do ser-no-mundo, concepção Heideggeriana, em primeiro lugar, se dá pela conjuntura apresentada na obra em estudo, já que o movimento das personagens é mais frequente nos ambientes externos, não deixando de haver um recolhimento aos ambientes internos (casa, apartamento), para os momentos de reflexão mais profunda, como expressão de seu “canto no mundo¹”. Apesar de muitas vezes reclusos em suas casas, o olhar das personagens está, na maioria dos casos, voltado para a rua, olhar da varanda, dessa maneira, é possível estabelecer um paralelo entre rua e casa, tratados por Heidegger e Bachelard, respectivamente.

No que se refere a termos como “paisagem”, Michelle Collot (2012) traz ao campo literário uma noção desta, pela qual compreendemos o “prolongamento do olhar” dos sujeitos como uma forma de interação destes com o espaço material e psicológico. Sendo este conceito adotado por Oziris Borges Filho (2008) de modo distinto, tratando-o como “ambiente” ao se referir à maneira singular das leituras psicológicas que se podem efetuar acerca das personagens.

Na esfera da teoria literária, a opção por analisar os espaços denota uma preocupação em evidenciar, dentre outros aspectos, um entendimento mais sólido sobre o emprego do termo no plano da ficção, como aponta Luiz Costa Brandão (2013). Já na esfera dos romances de autoria feminina, Elódia Xavier (2012) destaca o aspecto sociológico que está intrínseco ao movimento entre casa e rua das personagens.

Sempre existiu uma íntima relação entre a literatura e os espaços nela retratados, seja a cidade, seja o campo, seja o bairro, seja a casa. É evidente o paralelo simbólico que se pode efetuar entre o edificar de uma cidade e a construção de um texto que pelo uso da linguagem, na sua tessitura, no agrupamento de sons e letras revelam um lugar do/para o ser no mundo.

Ao observarmos os aspectos históricos, vemos que as estruturas, as formas, apresentam uma dimensão permitindo que o desenho de um espaço, ou de um objeto se encarregue de contar sua história. Através da linguagem, as cenas que descrevem o espaço (cidade, bairro, casa) permanecem no imaginário, sendo um lugar de trocas, um símbolo capaz de exprimir a tensão entre os aspectos lógicos e concretos das construções e o emaranhado simbólico da existência humana. Neste sentido, Martin Heidegger (2008), ao tratar sobre a relação “Construir”, “Habitar”, “Pensar”, diz que:

Espaço (Raum, Rum) diz o lugar arrumado, liberado para um povoado, para um depósito. Espaço é algo espaçado, arrumado, liberado, num limite, em grego *népac*. O limite não é onde uma coisa termina mas, como os gregos reconheceram de onde alguma coisa dá *início à sua essência*. (HEIDEGGER, 2008, p. 134)

Ao considerarmos as proposições deste filósofo é necessário compreender que o espaço, para ele, está além das medidas matemáticas ou geométricas, mas estes são “arrumados” pelos lugares. Logo, os espaços não são percebidos pelo seu ser específico, mas se configura como um determinado “lugar” a partir das coisas e da cadeia significativa que estas constroem. Em outros termos, Yi-Fu-Tuan (1983) destaca que o espaço se transforma em lugar quando passa a ter significado para quem nele habita.

Da compreensão dos aspectos intrínsecos entre lugar e habitar, podemos pensar a posição do homem em relação ao espaço. Para tanto, retomamos a frase do poeta Hölderlin, discutido por Heidegger, que segundo o qual “Poeticamente o homem habita”. Desta frase e da análise Heideggeriana, podemos tomar algumas questões pertinentes a este trabalho. Qual o habitar poético expresso através da representação do feminino em um romance? Como esta pode evidenciar o habitar, o lugar-no-mundo do ser em sua individualidade?

¹Termo utilizado por Bachelard ao se referir à proteção e acolhimento da casa.

As discussões apresentadas por Heidegger nos mostram que pensar o espaço, o lugar, o habitar fora dos padrões geométricos se constitui o habitar poeticamente. À vista disso, ele propõe que para Hölderlin, a poesia se torna a medida de determinado espaço, o homem se mede, se compara com o divino, não para se igualar, mas para se compreender. Partindo dessa proposta, podemos conceber no romance **Atire em Sofia**, que o homem também estabelece uma medida com o espaço, afinal existe uma vinculação entre este e o lugar, representado de modo particular pela influência no estado emocional que Salvador exerce sobre João Paulo ou mesmo a declaração de completude relacionada com Sofia quando é dito que “a cidade sou eu, ela sabe” (COUTINHO, 1989, p. 90).

Ao se pensar a medida poética estabelecida em um romance de representação feminina, o mesmo parâmetro acerca da comparação com o divino pode ser utilizado, tendo em vista que os espaços, socialmente, são utilizados para apontar o modo de vida da mulher e seu lugar no seio social. Pensando na circulação da personagem feminina nos ambientes públicos e na sua representação no ambiente privado, é possível identificar reflexões e rupturas com padrões de comportamentos vigentes historicamente, tornando-os, assim, seu “padrão de comparação ou seu divino”. Dessa maneira, como reflete Heidegger, percebemos que o habitar transcende o simples alojamento físico e se volta sobre os lugares de sentido aos quais se direciona o olhar do sujeito para a compreensão de si e do universo que o cerca.

Estas observações indicam que os mais diversificados espaços de ações podem apontar para a maneira que determinado ser constrói seus significados e identifica seu lugar no mundo. Deste modo, diferentes ambientes, seja de forma ampla como a cidade seja de forma mais restrita como a casa, vão proporcionar uma leitura das personagens no romance. Nessa perspectiva, partindo das questões apresentadas e considerando a relação do sujeito com o “habitar”, com a construção de sentidos em relação aos “espaços-espaçados” nos quais transita, faz-se necessário uma reflexão acerca da relação das personagens na obra **Atire em Sofia** com o espaço, já que estes, são revelados como *personagens* fundamentais para o desenrolar dos fatos e para a caracterização dos protagonistas.

2 A cidade – personagem: paisagem e labirinto

As obras literárias, que apresentam o movimento de personagens nos mais diversos lugares, são significativas para se compreender a influência do urbano ou de determinado ambiente no modo de vida de sujeitos específicos. Especificamente, na obra em estudo, o espaço narrativo é a cidade do Rio de Janeiro e Salvador que, em suas feições dos anos 1960, assumem relevância como contexto histórico e sociocultural na formação das personagens.

É certo que trajetória da narrativa brasileira foi marcada por representações urbanas especialmente sob a ótica de personagens masculinas, conforme discute Regina Dalcastagné (2003), ficando legado à mulher o espaço doméstico. Entretanto, na contramão dessa vertente, Sonia Coutinho confere às suas personagens femininas um olhar amplo sobre paisagens, cidades, casas, construindo a sua representação do urbano, conforme discute Cristina Ferreira-Pinto Bailey (2008), com uma visão desassociada da Bahia exótica, até então, apresentada pela perspectiva masculina, como a dos romances de Jorge Amado.

Em **Atire em Sofia**, Sônia Coutinho apresenta lugares exóticos, simbólicos e concretos, para falar da vida de Sofia. Nesta obra, as personagens transitam entre as cidades, ocupando também, outros espaços como os de trabalho, domésticos e de lazer, que vão se caracterizando como “personagens” importantes para a descrição psicológica dos protagonistas e a definição dos papéis sociais da época, instigando o leitor a analisar criticamente as relações de classe, raça e gênero.

A representação do tempo climático também contribui para a compreensão do projeto literário de Sonia Coutinho, já que o verão, com suas fortes chuvas, vão dar o aspecto sombrio para o romance que se apresenta em tom policial. Além disso, favorece a leitura das paisagens urbanas e da estrutura das cidades de Salvador e do Rio de Janeiro, que vão marcar a vida de seus protagonistas e direcionar a leitura desta ficção. Por isso, a necessidade de se observar o olhar dos sujeitos sobre a paisagem no romance.

De acordo com Michel Collot (2012), coadunando com a percepção Heideggeriana de lugar, anteriormente apresentada, a paisagem urbana somente poderá ser definida em sua atividade constituinte, dependendo do *olhar* de um sujeito sobre a mesma. Neste aspecto, Collot toma sua definição como “Parte de uma região [pays] que a natureza apresenta ao olho que a observa” (COLLOT, 2012, p.11).

Neste ínterim, notamos que, de acordo com a proposta de Collot, a visão vai além da superfície, a definição de determinado espaço dependerá da relação de um sujeito com o mesmo. Assim, existe um “prolongamento do olhar” para aquilo que está invisível, completando o objeto que está sob observação, por isso, a personagem reflete sobre a cidade de Salvador:

Verão esquisito, muito esquisito, pensa Fernando outra vez, mas esquisito parece uma palavra insuficiente, alguma coisa fica sempre obscura quando procura entender o quê exatamente aconteceu neste verão, com sua chuva em proporções catastróficas, fora de temporada, espalhando desabamentos, mortes, boatos. (COUTINHO, 1989, p. 11).

Vemos, no excerto acima, que a paisagem está sendo alterada devido à ação do clima, mas também existe algo que vai além do aspecto físico, completado pelo olhar da personagem, que relata não só problemas nas estruturas sociais, na organização da cidade, mas também, questões intrínsecas ao povo que ali habita, como boatos. Além disso, a paisagem descrita deixa subentendida um aspecto de mistério, gerando uma expectativa ao leitor. Tal percepção só é possível porque o sujeito está englobado na própria paisagem, sendo influenciado pela inserção na mesma.

O olhar sobre a paisagem urbana no romance, também revela aspectos acerca das transformações pelas quais passam a cidade de Salvador, como nos revela a personagem João Paulo: “A vista da varanda é para horrendos espigões que proliferam, desordenados, ao lado de casas baixas, na ladeira defronte. Lá embaixo, na rua, o barulhento caos do trânsito e, na calçada, sacos de lixo empilhados”(COUTINHO, 1989, p. 24).

A visão aqui descrita aponta para uma cidade que cresce a partir de uma desordem estrutural e também de classes, pois o próprio João Paulo é quem continua e declara que esta é uma “cidade branca, de classe média e preconceituosa”. Amplia-se, assim, a discussão promovida pelo espaço na obra, já que se estende além da questão poética, física, de gênero e alcançando a crítica social, racial e histórica.

Estudando os aspectos geográficos da cidade de Salvador a partir de obras literárias, o geógrafo Paulo Roberto Barqueiro Brandão (2004) apresenta a distribuição das casas de acordo com a renda e questões raciais, assim, nota-se uma tendência para o afastamento das classes menos favorecidas economicamente, majoritariamente composta por mestiços e negros, para as regiões periféricas de Salvador, isso desde o século XVIII.

Aqueles menos favorecidos, mestiços e negros, habitavam a periferia da cidade, tanto em direção ao norte, como nas áreas menos privilegiadas da Península Itapagipana, ou nas aglomerações localizadas nas proximidades da ermida de Monte Serrat, ou ainda em direção ao sul, na Gamboa, por exemplo. (BRANDÃO, 2004, p.64).

Coutinho apresenta claramente esta dualidade entre essa cidade do passado e a emergente, que possui aspectos excludentes, descrevendo em alguns momentos as partes históricas, como o “perfil do

casario colonial”, “dourados interiores de igrejas barrocas” em contraponto com as novas construções e o movimento da cidade. Tais descrições marcam o tempo na obra, não somente o cronológico, mas o mítico e de memórias de suas personagens que através do olhar para uma paisagem urbana já transformada, refletem sobre o seu pertencimento a um lugar e à estranheza gerada pelo que se tornou diferente. Cabe ressaltar que estas reflexões desencadeadas a partir da paisagem, segundo Collot (2012), se dão devido à capacidade desta de criar uma interface entre o espaço objetivo e o subjetivo, ou seja, existe um “reconhecimento de propriedades objetivas e a projeção de significações subjetivas” (COLLOT, 2012, p.28), a qual denominamos anteriormente como o “prolongamento do olhar” de cada indivíduo.

Em relação à estrutura da obra, esta é disposta como recortes de jornais, fotografias ou, como pontua Rosana Ribeiro Patrício (2006), pela colagem de memórias. Desta maneira, existe uma alternância entre os espaços da cidade de origem – Salvador – e a cidade onde se busca a realização pessoal e profissional – Rio de Janeiro. Ora se fala, tendo em vista a experiência do retorno de Sofia e João Paulo à cidade natal, ora se fala na perspectiva das vivências do passado naqueles espaços e ora das situações e aprendizados na cidade do Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro é apresentado como “cidade labirinto”, que consome seu tempo (“jamais dispunha de um tempinho neste labirinto, o Rio de Janeiro”) (COUTINHO, 1989. p. 15), o que faz uma proposta de trabalho na cidade natal de Salvador se tornar irresistível). A linguagem utilizada representa, também, o próprio labirinto da realidade vivida pela personagem Sofia em meio a um espaço que carrega os valores de um tempo, de um povo, que a deixa sem saída frente às pressões sociais.

De fato, a cidade do Rio de Janeiro, antes de ser apontada como um labirinto, é simbólica em relação à libertação da figura feminina, afinal, é o lugar para o qual se direciona Sofia em busca de uma nova vida, já divorciada. Neste espaço, encontra oportunidade de emprego e começa a descobrir outras facetas de si, declarando que “Ter aprendido a viver sozinha talvez fosse o maior patrimônio que acumulara em quase vinte anos de Rio de Janeiro” (COUTINHO, 1989. p.13).

O Rio, como caracterização de uma mulher mais livre, como a busca por uma identidade feminina, afastada dos padrões patriarcais, aparece em diversos contos de Sônia Coutinho, como em “Doce e cinzenta Copacabana”, que é, totalmente, descritivo e interativo com o espaço do bairro carioca, expressando relação peculiar com a vida da personagem que vive o dilema entre liberdade e solidão. Este será um dos pontos de reflexão das personagens de Coutinho, como no conto que serve de título para a obra “O Último Verão de Copacabana”, que gira em torno das contemplos da personagem sobre solidão e liberdade sexual, mas que, ao final, remete à cidade do Rio como sendo o interesse central do narrador, completando a essência da figura daquela mulher livre.

A presença de Copacabana como um ideal, como um espaço de busca pelo sonho, pela liberdade, é frequente, sendo assim, a cidade do Rio, especialmente, a imagem daquele famoso bairro carioca pode ser, claramente, relacionado com a mulher que foge dos padrões impostos pelo patriarcalismo. Porém, o labirinto em que se torna, flui exatamente dos conflitos vividos pelas personagens de Coutinho, já que estas apresentam, em sua maioria, um grande dilema entre a educação tradicional recebida e a sua realização como mulher.

Salvador, como supracitado, está relacionada com o local de origem dos protagonistas. O nome da cidade não é mencionado diretamente, porém é possível identificá-la pelas características geográficas, os nomes de bairros e ruas apresentados na obra. Sobre a maneira que apresenta Salvador em suas obras, em uma entrevista de 1989 em que ela discute seu romance, **Atire em Sofia**, ela declara:

—Você fala da Bahia e já pensa em mulata sensual, já pensa em comida típica . . . Eu queria esvaziar isso e colocar em cena uma cidade do Terceiro Mundo, onde tivesse a influência negra, a mistura étnica. E eu queria que as pessoas olhassem para aquilo um pouco de fora, de maneira distanciada. (A hora e a vez do romance 58 *apud* Bailey - 2008).

É, exatamente, uma capital que põe em evidência as diferenças e conflitos inter-raciais, sociais e de gênero que apresenta a autora, incorporando a cidade em sua narrativa como um espaço ativo de vivência dos sujeitos, tornando-a como mais uma personagem do romance. Assim, além de palco, interage e influencia de maneira determinante o destino de seus “habitantes”.

A volta ao passado, ao interior é um movimento constante na obra, efeito produzido pelas cidades, pelos espaços, por isso, estas funcionam como um labirinto, pois de acordo com Jean Chevalier & Alain Gheerbrant,

O labirinto também conduz o homem ao interior de si mesmo, a uma espécie de santuário interior e escondido, no qual reside o mais misterioso da pessoa humana. Pensa-se aqui em mens, templo do Espírito Santo na alma em estado de graça, ou ainda nas profundezas do inconsciente. Um e outro só podem ser atingidos pela consciência depois de longos desvios ou de uma intensa concentração, até esta intuição final em que tudo se simplifica por uma espécie de iluminação. É ali, nessa cripta, que se reencontra a unidade perdida do ser, que se dispersa na multidão dos desejos. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1989, p.531).

No plano da ficção, para João Paulo, Sofia, Fernando e o autor-narrador, o centro do conhecimento, a compreensão somente pode ser atingida a partir do labirinto, que é a cidade interiorizada, como declara Sofia ao mencionar que “está mais uma vez sozinha, sozinha nesta cidade que tinha ficado dentro dela” (COUTINHO, 1989, p. 14) que, agora vinha sendo desvendada, revisitada.

A relação de “habitação” construída pelas personagens leva a um mergulho no labirinto do próprio ser, afinal, tratando de Sofia, o narrador mostra que,

Sofia vai à janela e vê grandes rios barrentos correndo pelas sarjetas. Os quarteirões com pequenas lojas e a fatia de mar que avista da varanda de seu apartamento estão coloridos de cinza e, aparentemente, tudo mergulhou numa calma profunda. Pela primeira vez, desde que chegou, sente-se plenamente devolvida a sua interioridade, capaz de lembrar de todos os acontecimentos de sua vida, mesmo os mais soterrados, como quem observa de uma distância infinita. Quem ela foi, quem vinha sendo, as muitas pessoas que é. (COUTINHO, 1989, p.43).

O olhar de Sofia e das demais personagens, sempre recorrente para a paisagem, para seu horizonte, em seu “prolongamento” expressa uma visão sobre estes como o espelho da alma. Existe um diálogo constante entre estado da paisagem, do tempo com o estado do ser, com a descoberta de si, revelando ainda que a cidade é seu padrão de comparação, seu “divino” onde, poeticamente, habita. O mesmo movimento de distanciamento, de perspectiva do alto, é vivido por João Paulo, especialmente, quando mata Sofia. Nesse sentido que homem e paisagem ou homem e espaço se complementam, pois como reflete Collot (2012), a noção de unidade corporal é tomada à distância de si mesmo, do outro lado do espelho.

A completude entre homem e espaço através da representação do feminino no romance **Atire em Sofia**, nos leva à compreensão do poder que um espaço social gera sobre a mulher e sobre sua construção identitária. Fato abordado claramente pela Sofia quando diz que: “É preciso construir uma nova cidade encima da antiga, um novo eu. Mas talvez seja tarde, a cidade transformou-se em labirinto, seu inconsciente, que procura inutilmente devassar. A nova cidade em que ousa pensar o mais fundo de si – a cidade sou eu, ela sabe.” (COUTINHO, 1989, p. 90).

É certo que a personagem e a cidade se ligam intimamente levando a uma ideia de pertencimento, revelando seu lugar-no-mundo, como uma mulher que desvenda a importância e a marca de suas raízes para a compreensão de si. Ainda que a cidade natal trouxesse diversos estigmas da sociedade patriarcal, o movimento constante da personagem em outros espaços como a “cidade da libertação”, o Rio de Janeiro, e o retorno às origens, gerou um processo de autoconhecimento, revelando a individualidade do habitar poético feminino no romance.

3 A personificação da cidade: voz de uma geração

O cenário social no qual se insere os protagonistas de Coutinho está, intimamente, marcado por grandes transformações, particularmente, iniciadas a partir de 1950, com a aceleração rápida da industrialização e urbanização do país, ganhando maior força a partir de 1960 com a inauguração da nova capital brasileira. Quatro anos mais tarde, em 1964, o Brasil sofre o golpe de estado militar que deslocava o centro de manifestações artísticas da Bahia para o Rio de Janeiro, enaltecendo, de forma singular, o desenvolvimento do eixo Rio-São Paulo. Dois anos mais tarde, Sônia Coutinho se iniciava no cenário literário como a obra “Do Herói Inútil”, que já despontava como uma perspectiva crítica da posição feminina frente à sociedade patriarcal e o domínio da figura masculina. Contudo, foram nos romances seguintes que os temas acerca da cidade e do deslocamento espacial surgem nas obras da escritora.

As transformações na esfera social brasileira também se refletiram na representação dos espaços na literatura, já que se inicia o crescimento dos romances que priorizam a temática urbana. Associado a isso, Sônia Coutinho permanece na representação de personagens femininas que refletem sua condição, mas que transitam em variados espaços urbanos, coincidindo com sua própria biografia, visto que também migrou de Salvador para o Rio de Janeiro. Suas personagens apresentam a cidade em dois aspectos distintos e complementares, o primeiro é a cidade labiríntica que denota o estado do ser de seus personagens e, o segundo, trata das suas relações sociais cotidianas, que observa, julga e dita padrões de comportamento.

A avaliação das formas de vestimenta, comportamento e estrutura arquitetônica na obra são indicativos de um contexto sociocultural sob diversas influências, nesse caso específico, retratando os padrões sociais patriarcais, especialmente, na representação da cidade de Salvador.

Em estudo acerca da comunicação e cultura na cidade de Salvador nos anos de 1950 e 1960, Antonio Albino Canelas Rubim *et al* (1990), apresentam importantes transformações a partir dos anos de 1950, especialmente, no que tange à forma de comércio, mudanças nas estruturas arquitetônicas e trânsito. São estas, paisagens e ruas por onde transitam as personagens de Coutinho, como a avenida beira-mar, a praia da Barra, Pelourinho, o bairro do Carmo. Neste, moravam alguns parentes da personagem/narrador Fernando, sendo que esta localização revela a classe social, tendo em vista que este antigo bairro abrigava a classe média baiana, conforme aponta Rubim (1990).

Outros espaços citados revelam a cidade já transformada, com algumas modificações em sua estrutura, como em: “Tinha acabado de sair do escritório, dobrava de carro a curva que dá na Avenida Contorno quando ergueu os olhos em direção ao telhado do Mercado”, (COUTINHO, 1989, p. 79). Este trecho denota as mudanças tratadas por Rubim (1990) que, segundo o qual, a partir dos anos de 1950 teve um grande desenvolvimento, considerando o aumento da população, a mudança no comércio, a construção de prédios e avenidas, como foi o caso da Avenida Contorno em 1970.

De fato, a nova configuração da cidade traz às personagens, em seu retorno após cerca de vinte anos no Rio de Janeiro, um estranhamento, pois a própria Sofia é quem diz que “De volta, recebe outra cidade, quase tão exótica, para ela, quanto uma capital Africana ou uma metrópole oriental” (COUTINHO, 1989, p. 43). As mudanças são tão profundas que geram uma ideia de lugar estrangeiro em relação à mesma cidade que anteriormente ela declarara estar dentro dela ou ser ela mesma. Vemos que ocorre um processo lento de reflexão, para que finalmente, a personagem possa novamente perceber as suas relações identitárias com aquele espaço já tão modificado. Apresentando a mesma visão, nos declara João Paulo que está em uma “cidade transformada em labirinto – ele continua a caminhar –, ruas que já não sabe mais onde vão dar, pessoas que não falam mais a sua língua” (COUTINHO, 1989, p. 85).

O tempo-espaço no qual circulam as personagens no romance se alterna entre presente e passado, de forma não linear, permanecendo os protagonistas intimamente ligados à própria cidade, não apenas no aspecto físico, mas tratando da forma de vida e de pensamento de um povo. Portanto, o espaço urbano que vai despontando nesse romance é uma construção das próprias personagens, fato evidente apontado através do escritor João Paulo ao dizer que o romance que escrevia tratava, no fundo, dele mesmo, de Sofia e da “herança dos moradores de uma cidade, de uma determinada geração” (COUTINHO, 1989, p. 54).

Através da personificação da cidade, os protagonistas nos revelam o posicionamento patriarcal de um povo, que dita padrões para as mulheres, como declara a personagem Matilde em:

Sabe que a cidade critica sua maneira de vestir, considerada espalhafatosa para uma mulher de 40 anos - saias curtas, cores muito vivas, babados, botinhas prateadas, barriga de fora. E assim vai para os lugares mais chiques e movimentados, sempre sozinha e procura seduzir os homens (COUTINHO, 1989, p. 19).

É fato que, no excerto acima, existe a expressão de pensamento acerca do padrão de vestimenta ideal para uma mulher, especialmente, aos quarenta anos, denotando um espaço social que traz restrições ao feminino. Porém, este é o modo que essa mulher encontrou para demonstrar sua revolta contra a educação convencional que recebeu, deixando-a ingênua, aceitando um casamento arranjado pelos pais, levando-a ao fundo do poço. Essa manifestação feminina, tomada como rebeldia, é derivada das transformações que vinha passando a sociedade dos anos 1960/70, retratada na ficção de Sônia Coutinho.

Os anos de 1960 foram marcantes para a luta feminina no ocidente, especialmente pela expansão do movimento feminista, que, dentre outras coisas, buscava uma nova configuração dos papéis femininos. Cumpre ressaltar, que o corpo e a sexualidade se tornaram meios de enfrentamento dos padrões patriarcais e de afirmação da vontade da mulher, por conseguinte, as formas de vestimenta se englobavam como um modo de expressão de sua identidade.

A maneira de se vestir da Matilde revela uma mulher ousada da década de 1960, já que, conforme as reflexões de James Laver (1989), neste período o corpo passa a ficar mais em evidência, surge a minissaia que, na época, foi, inicialmente, um escândalo. Por isso, o estilo ousado de Matilde configurava um meio de se rebelar contra a sociedade tradicional.

A leitura social que nos proporciona a autora leva à visão de um espaço ligado ao discurso patriarcal, branco e de classe média. Isso está claro nas reflexões acerca das mudanças ocorridas na cidade, dos lugares agora também ocupados por negros, onde antes era restrito a uma parcela branca da sociedade baiana. Tais posturas são vivamente apresentadas pela personagem Fernando em suas reflexões, como em:

Essa negritude cada vez mais assumida é um fenômeno que ele é inteligente demais para rejeitar, pelo menos publicamente, talvez porque saiba que é inevitável. Mas tem que admitir que se sente, às vezes meio nostálgico. Tem saudades, por exemplo, da beira-mar de antigamente, área aristocrática, onde aos domingos, as moças desfilavam com seus melhores vestidos. Hoje, nos fins de semana, a população negra já se senta maciçamente nas cadeiras das sorveterias que, antes, eram consideradas ‘chiques’, ou seja, reduto exclusivo de seu grupo branco (COUTINHO, 1989, p. 35).

Não obstante da perspectiva apresentada por Fernando, João Paulo também declara que não há outra palavra além “provincianismo” para explicar sua trajetória naquela cidade, branca, de classe média e preconceituosa. Tais declarações remetem ao tempo em que teve que enfrentar sofrimentos no colégio por ser filho de uma mulher que não se casou e era amante de um coronel. Reporta-se, também, à sua relação com Alina, mulher casada que “não teve forças” para enfrentar a família e permanecer ao seu lado. Para ele, havia um círculo de ignorância e de medo que girava em torno do cotidiano dos moradores da cidade, levando-os a uma acomodação, a uma “opaca apatia”.

Em contraponto à visão de Fernando que representa a classe média baiana, João Paulo efetua uma reflexão sobre o mesmo ponto à beira-mar, acerca dos novos frequentadores das sorveterias nas proximidades do farol. Observa, especificamente, o vestuário e a aparência de seus frequentadores que se transformaram em shorts, camisetas e corpos muito bronzeados. Sua perspectiva está mais ligada às transformações dos costumes através da moda do que propriamente a ampliação do espaço ao público negro.

A discussão acerca da condição das minorias, em aspecto social, é colocada em destaque na obra de Coutinho, particularmente, ao se tratar da mulher. Nesse sentido, a relação cidade/mulher é mais densa, tendo em vista que os manuais de conduta, as instituições religiosas e suas práticas, como o casamento, estavam diretamente voltados para o controle feminino.

O “destino de mulher”, essa é a marca que a cidade impõe ao feminino, através de casamentos arranjados, de uma sexualidade controlada e também, como no caso da personagem Milena com o estigma de ser filha de Sofia, uma mulher divorciada. Acerca de Salvador e as relações matrimoniais impostas pela tradição, pelo “destino”, diz Sofia que,

Os casamentos aqui, na geração da minha mãe, eram longos exercícios de ódio. A mulher deveria permanecer sempre criança, para melhor agradar e servir ao homem. Ao longo dos séculos, seu único aprendizado foi a esperteza doméstica. Só podia tirar alguma vantagem ou satisfação da retribuição que, por acaso, os homens oferecessem por seus serviços. Prazeres físicos eram considerados inadequados, impróprios, pecaminosos, para uma mulher ‘direita’. Gerações inteiras de mulheres de que não temos nenhuma notícia, de cuja vida não ficou registro nenhum. Mulheres de quem nada se sabe, sobre a vida inteira cumpriram tarefas consideradas subalternas. Preparar comida, lavar fraldas, amamentar, cuidar de doentes e agonizantes, esperar. Apenas deveres, causaria estranheza se tentassem alguma coisa diferente. Mulheres que se desabituarão de dizer ‘eu sou’, ‘eu quero’ (COUTINHO, 1989, p. 50).

Notadamente, a cidade personificada apresenta uma reflexão acerca do casamento conforme propõe Carla Bassanesi (2004), no qual os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres. Elas eram definidas a partir de papéis como as ocupações domésticas, maternidade, pureza e resignação. Apesar de a autora apresentar esse panorama nos anos 1950, vemos que o reflexo desses padrões tradicionais se estendeu aos anos 1960 e 1970, o tempo no qual Sofia e sua geração sofreu com as tentativas de libertação feminina.

Nas décadas de 1960 e 1970 aconteceram diversas reformas sociais, dentre as quais as relações familiares foram uma das áreas modificadas. Especialmente, o casamento passa a ser discutido, agregado às relações sexuais e o divórcio, com algumas transformações, a posição da mulher continua de submissão dentro da relação matrimonial. Este universo é, claramente, apresentado no romance em estudo, destacando-se a permanência dos valores tradicionais em relação ao comportamento feminino.

Os aspectos sociais apontados no romance indicam uma transformação em relação ao espaço público e privado, estes aspectos podem ser observados através das mulheres liberadas sexualmente apresentadas na obra, que são independentes financeiramente e que remodelam o padrão de “casa” até então vigente. Para essa nova mulher, já não basta um lar tradicional, uma cidade com os costumes vigentes, uma prisão comum à mulher de seu tempo, os espaços ganham novas representações.

Diante das questões apontadas, percebemos que os espaços apresentados sob o olhar das personagens de Coutinho, revelam a maneira significativa que a configuração das cidades e as relações sociais nelas estabelecidas podem contribuir para a definição dos papéis femininos e a caracterização do sujeito. Entendemos, assim, que o espaço e o ambiente são alguns dos elementos concretos para a constituição do ser na ficção de Coutinho.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. **Das Janelas e Calçadas**: Copacabana na ficção de Sonia Coutinho. *Romance Notes*. University of North Carolina at Chapel Hill for its Department of Romance Studies. Vol. 49, No. 3, p. 347-355, 2009.
- BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. **Tales of Two Cities: The Space of the Feminine in Sonia Coutinho's Fiction. Latin American Urban Cultural Production**. Ed. David William Foster. *Hispanic Issues On Line* 3.1, 2008. Disponível em: <http://spanport.cla.umn.edu/publications/HispanicIssues/pdfs/Ferreira_Pinto_Bailey.pdf>. Acesso em 03 mar. 2018.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos dourados. In. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BRANDÃO, Paulo Roberto Boqueiro. O imaginário urbano: a cidade do Salvador no final do século XVIII. In. PINHEIRO, DJF; SILVA, MA. (Org.). **Visões imaginárias da cidade da Bahia**: diálogos entre a geografia e a literatura. Salvador: EDUFBA, 2004. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/myv39>>. Acesso em: 25 fev. 2018.
- CASTRO, Janio Roque de Barros. **A cidade na obra Atire em Sofia, de Sonia Coutinho**: um olhar geográfico. *Textura*: Cruz das Almas-BA, ano 2, n.º 2, p. 29-42, Ago./Dez., 2007. Disponível em: <<http://www.famam.com.br/revistatextura/PDF-edicoes/edicao-04/002.pdf>>. Acesso em 13 jan. 2018.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens” In. NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé ; ALVES, Ida. **Literatura e Paisagem em diálogo**. Tradução de Denise Grimm. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.
- COUTINHO, Sônia. **Do Herói Inútil**. Salvador: Edições Macunaíma, 1966.
- COUTINHO, Sônia. **Atire em Sofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- COUTINHO, Sônia. **Os Venenos de Lucrecia**. São Paulo: Ática, 1978.
- COUTINHO, Sônia. **Nascimento de Uma Mulher**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- COUTINHO, Sônia. **Uma Certa Felicidade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- COUTINHO, Sônia. **O jogo de Ifá**. São Paulo: Ática, 1980.
- COUTINHO, Sônia. **O Último Verão de Copacabana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- COUTINHO, Sônia. **O Caso de Alice**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- COUTINHO, Sônia. A hora e a Vez do Romance. Interview with Paola Bonelli. LEIA. October 1989. In. BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. **Tales of Two Cities: The Space of the Feminine in Sonia Coutinho's Fiction. Latin American Urban Cultural Production**. Ed. David William Foster. *Hispanic Issues On Line* 3.1, 2008. disponível em: <http://spanport.cla.umn.edu/publications/HispanicIssues/pdfs/Ferreira_Pinto_Bailey.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Sombras da cidade**: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea* 21 (Jan-June 2003), p. 33–53.
- FILHO, Oziris Borges. Espaço e literatura: introdução à toponímia. ANAIS do XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil. **Espaço e literatura**: introdução à toponímia. Disponível

em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. 5. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2008.

LAVIER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LOBO, Luiza. **Sonia Coutinho Revisits the City**. Latin American Women's Writing: Feminist Readings in Theory and Crisis. Ed. Anny Brooksbank Jones and Catherine Davies. Oxford, England: Clarendon Press, 1996.163–78. Women Writers in Brazil Today. World Literature Today 61.1 (Winter 1987): 49–54.

LOBO, Luiza. **Guia de escritoras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro. **As filhas de Pandora**: imagens da mulher na ficção de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: 7 letras; Salvador, BA: FAPESB, 2006.

RUBIM, A. A, C; COUTINHO, S; ALCÂNTARA, P.H. Salvador nos anos 50 e 60: encontros e desencontros com a cultura. **Revista de Urbanismo e Arquitetura – RUA**. UFBA, 2006. v. 7. n. 2.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar. A perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Record e Rosa dos Tempos, 1998.

XAVIER, Elódia. **A Casa na Ficção de Autoria Feminina**. Florianópolis: Mulheres, 2012.